



9º Encontro Internacional de Política Social
16º Encontro Nacional de Política Social
Tema: A Política Social na Crise Sanitária revelando Outras Crises
Vitória (ES, Brasil), 13 a 15 de junho de 2023

Eixo: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional

A relação teoria/prática no Serviço Social brasileiro: velha questão/novas tensões

Jodeyson Islony de Lima Sobrinho¹

Resumo: Esse artigo de cunho teórico-crítico é um substrato dos resultados da nossa pesquisa de doutoramento em Serviço Social, na qual utilizamos o materialismo-histórico dialético como método de pesquisa e a análise e interpretação de dados bibliográficos como estratégias de investigação acerca das determinações que envolvem o avanço atual do conservadorismo e da “captura” da subjetividade profissional no âmbito do Serviço Social, a partir da delimitação de 35 artigos publicados nos anais do XVI CBAS do ano de 2019. Apresentamos, portanto, um dos elementos evidenciado na pesquisa que trata especificadamente das dificuldades no entendimento da relação teoria e prática no âmbito da profissão, enquanto contrassenso que dificulta a incorporação do atual projeto ético-político.

Palavras-chave: Serviço Social. Relação teoria/prática. Projeto ético-político.

The theory/practice relationship in Brazilian Social Work: old question/new tensions

Abstract: This theoretical-critical article is a substrate of the results of our doctoral research in Social Work, in which we used dialectical-historical materialism as a research method and the analysis and interpretation of bibliographic data as research strategies about the determinations that involve the current advance of conservatism and the “capture” of professional subjectivity within the scope of Social Work, based on the delimitation of 35 articles published in the annals of the XVI CBAS of the year 2019. We present, therefore, one of the elements evidenced in the research that deals specifically with of the difficulties in understanding the relationship between theory and practice within the scope of the profession, as a contradiction that hinders the incorporation of the current ethical-political project.

Keywords: Social Work; Theory/practice relationship; Ethical-political project.

INTRODUÇÃO

Problematizar a relação entre teoria e prática no Serviço Social brasileiro nos tempos atuais ainda é questionar o que nos parece tão óbvio. Contudo, tal dificuldade nunca se ausentou do cotidiano das assistentes sociais, pelo contrário, nos últimos anos parece que tem ganhado assento muito mais vasto do que possamos identificar, não é à toa que essa discussão ainda tem espaço na literatura atual do Serviço Social, e que no nosso processo de pesquisa durante o mestrado em Serviço

¹ Assistente Social com graduação em Serviço Social pela Faculdade Ademar Rosado (FAR), Mestre e Doutor em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor Adjunto e na função de coordenador do curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – campus de Francisco Beltrão, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre os Fundamentos do Serviço Social (GEPEFSS) UNIOESTE/FB. E-mail: isllony@hotmail.com.

Social na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) acerca do *ethos* profissional ficou evidente nas falas das entrevistadas, bem como reaparece nos artigos selecionados e analisados para a fonte de dados da pesquisa já desenvolvida no âmbito do doutorado em Serviço Social na mesma instituição.

Dessa forma, nesse artigo trazemos reflexões de parte da nossa tese de doutoramento em Serviço Social, que teve como objetivo central apreender o movimento das determinações que envolvem o avanço atual do conservadorismo e da “captura” da subjetividade profissional no âmbito do Serviço Social contemporâneo em detrimento do trabalho profissional de acordo com a cultura crítica da profissão. A pesquisa, no todo, se deu a partir da análise do material selecionado, no âmbito bibliográfico delimitamos as seguintes categorias analíticas: precarização do trabalho; trabalho profissional; projeto ético-político e crise do capital. De forma complementar, utilizamos fragmentos das entrevistas realizadas no âmbito da minha pesquisa de mestrado, tendo em vista que certas questões careciam de aprofundamento.

Assim sendo, chegamos à conclusão de que toda vez que o conservadorismo avança na sociedade brasileira, ele aprofunda fissuras na cultura crítica do Serviço Social, impactando diretamente na legitimidade, interpretação, incorporação e materialidade do projeto ético-político, e aqui, abordamos um desses pontos que trata das dificuldades no entendimento da relação teoria e prática no Serviço Social: entre a concepção de que “na prática a teoria é outra” e a unidade dialética dessa relação.

Sabemos que o trabalho profissional da assistente social está marcado transversalmente pelos dilemas da contemporaneidade. A relação teoria/prática, portanto, se apresenta ao Serviço Social como algo ineliminável da profissão e da vida social, sob múltiplas dimensões, que contribui para explicar tanto a profissão em si, como os postulados profissionais, e ainda permeia a interlocução da profissional com a realidade.

Está dado que o Serviço Social brasileiro tem uma trajetória sócio-histórica marcada por um conservadorismo perene nas suas bases profissionais, que se expressa nas formas em que o trabalho profissional se materializa no cotidiano das relações sociais. E, para além desse conservadorismo, há que se considerar um conjunto de

elementos, que vai desde os valores confessionais da Igreja Católica aos valores capitalistas, os quais ganham forma na medida em que essa prática profissional se expressa(va), a exemplo do fazer pelo fazer, do adequar os sujeitos aos interesses dos empregadores, moralizando as condições em que esses se encontram(vam), situações que marcam uma atuação profissional que não necessita acessar o nível crítico da racionalidade moderna, o que não distingue de uma prática profissional leiga.

Conquanto, em nossa pesquisa o que se percebe é um movimento um tanto complexo para o caminho profissional no campo dos fundamentos críticos, sobretudo, quando se trata da relação teoria e prática, uma questão que, no campo crítico, parece estar bem delineada, mas que ainda assola a profissão nos dias atuais, claro que com tensões diferentes desde o processo de sua legitimação no Brasil, adquirindo contornos dos tempos atuais, que tem se arraigado de um conservadorismo contemporâneo, alargando ainda mais o dito fosso entre teoria e prática no Serviço Social.

Partindo desse pressuposto, que busco aqui fazer algumas reflexões, problematizando essa questão, apreendendo-a no próprio cotidiano das relações profissionais, de forma a transpô-la do campo do senso comum para o universo de uma análise crítica, a partir dos fundamentos teórico-políticos da tradição marxista presentes no Serviço Social brasileiro.

1. DIFICULDADES NO ENTENDIMENTO DA RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA NO SERVIÇO SOCIAL: A REATUALIZAÇÃO DAS CONCEPÇÕES DE QUE “NA PRÁTICA A TEORIA É OUTRA”

Para analisarmos essas questões, voltamos à minha pesquisa de mestrado, na qual as falas de algumas entrevistas apontam elementos importantes que foram aprofundados no momento da pesquisa de doutorado, pois tais expressões são bases constitutivas do que venho chamando de *ethos* idealista-formal no Serviço Social (LIMA SOBRINHO, 2020). Quando, por exemplo, questionadas sobre qual a finalidade da prática profissional no espaço sócio-ocupacional, obtivemos as seguintes respostas:

Tem a questão da teoria e prática. É muito fácil quando a gente está numa sala de aula, a gente ter a noção “olha, o serviço social deve dá tal resposta para tal questão social”, só que na prática mesmo a gente ver um negócio bem diferente [...] às vezes acho que não há um distanciamento muito grande, mas há um distanciamento (E2, 20a, formanda).

O olhar, a realidade. Eu achei da minha formação, quer da leitura, da teoria, é totalmente diferente da prática, da realidade. Eu acho isso, e aí eu busco mais a prática. Eu fico observando o que a assistente social faz, que é uma coisa totalmente diferente da teoria, porque a realidade é complicada. Porque há coisas que na teoria tem assim, que a gente ver, que não cabe ali na prática, é uma coisa assim, que às vezes a gente age por emoção, a gente age diferente, a gente ver que é totalmente diferente da teoria (E4, 22a, formanda).

O estágio é fundamental, realmente é onde a gente aprende. Onde a gente tá ali com a mão na massa, que a gente ver a realidade, que a gente tem que ajudar e procurar os meios pra ajudar a pessoa (E3, 34a, formanda).

A gente vai ter contato com todo o aprendizado na prática, tudo o que a gente passou na teoria a gente vai exercer na prática, só que quando a gente chega na prática a realidade é um pouco diferente (E5, 26ª, formanda).

É importantíssima a questão da prática, ela tem que existir sempre, o curso não pode ser só teoria, é tanta teoria que eu acredito que é fundamental o estágio para a gente ter uma noção daquilo que vamos cuidar quando estivermos trabalhando (E6, 21ª. formanda).

É um tanto complexo compreender a relação teoria e prática numa profissão eminentemente prática e interventiva, que nasce no campo da ação social da Igreja Católica, e que se regulamenta e se legitima por meio de suas ações práticas (sejam elas confessionais, tradicionais, conservadoras e/ou emancipatórias). Tanto que há uma expectativa gerada em torno da profissão, que se expressa durante a formação profissional, onde as estudantes sempre questionam sobre os saberes práticos em detrimentos dos fundamentos teórico-metodológicos e ético-políticos, e isso se torna um grande problema para a apreensão dos fundamentos dessa profissão, ainda mais quando se trata de uma direção que tem na prática um fim em si mesma, como se ela não tivesse uma relação de unidade dialética com a teoria. Além de que, o Serviço Social é:

[...] fundamentalmente uma profissão assalariada, atravessada por questões da própria lógica da sociedade capitalista, como trabalhador assalariado, fragmentado e demandado às diferentes funções laborativas, permanece em uma linha tênue entre sua necessidade de reprodução social e profissional especializado com atribuições específicas de atuação. Sua prática, se não refletida constantemente, acaba por se perder dentro dessa dominação, enquanto trabalhador alienado (GONÇALVES; OLIVEIRA, 2019, p. 05).

O Serviço Social é uma profissão historicamente determinada pelo próprio modo de produção e reprodução das relações sociais, e suas novas e velhas demandas alocam um lugar central para a relação teoria e prática, já que podemos afirmar que

essa relação, enquanto unidade dialética, apreendida por meio da tradição marxista é que dá sustentação a autodeterminação e interação indissociável das dimensões que compõem essa profissão: teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa, e “dessa maneira, a/o profissional, ao empreender qualquer ação, move a sua orientação teórica, ponto de vista político e valor ético que vão dar sustentabilidade à sua intervenção” (MEDEIROS; SILVA, 2019, p. 03).

Por isso, a importância de trazermos à tona a discussão acerca da relação teoria e prática na profissão, apontando as dificuldades que se tem para a apreensão dessa unidade, em detrimento da falácia que distancia essas duas dimensões, quando não as antagonizam, já que a prática e a teoria de modo consciente constituem e são constituintes do trabalho profissional, pois o produto do nosso trabalho não é diretamente um legado material, mas que contribui para o acúmulo material e imaterial da sociedade, e não se separa da ação de produção, ou seja, do pensar prático (SAVIANI, 2003).

Ao falar da prática profissional, as entrevistadas já a relacionaram com a teoria, mas como se pode observar colocando-as em contraposição, em lados opostos, como se não houvesse uma unidade entre ambas, como se na teoria a prática fosse outra, ou mesmo como se na prática a teoria não se aplica, movimento esse que corrói os rincões da profissão Brasil a fora.

Isso geralmente acaba sendo a primeira explicação acerca do falso dilema da incompatibilidade entre a teoria e a prática profissional, atribuindo um valor à teoria que não existe: que é a de criar, de imediato, os instrumentos necessários para se aplicar numa determinada situação. Isso leva à tendência de considerar a teoria que não tenha a capacidade de responder imediatamente as exigências práticas como inútil, desnecessária, inoperante e até mesmo sem sentido, o que tende a cair no campo do trefismo, já que “a dinâmica, as requisições e as condições objetivas sobre as quais a intervenção se realiza não são as mais adequadas à reflexão, a partir do que muitos profissionais se limitam a realizar suas tarefas de modo reiterado e irrefletido” (LOPES ET AL, 2019, p. 9).

Nesse espaço, tudo se passa como se a prática profissional fosse excetuada da teoria, de uma certa racionalidade, da necessidade de refletir, indagar, questionar a realidade posta, dos valores ético-morais, e até mesmo de uma direção política e social, ou seja, como se a prática ganhasse vida por ela mesma.

Acerca dessa questão, Santos (2013, p. 13) já apontava que existe no seio da profissão três entendimentos equivocados acerca da relação teoria e prática, as quais recaem na insistência, por uma parte da categoria profissional, de que “na prática a teoria é outra”, sendo elas:

O primeiro é de que a *“teoria se transforma em prática”*, ou seja, espera-se que uma teoria, que tem por orientação a ruptura com um referencial teórico conservador, ofereça, de imediato, uma prática de ruptura com a ordem conservadora.

O segundo entendimento [...] defende-se que *a prática fala por si só*, ou seja, a ação prática oferece também de imediato, a teoria, a qual seria, portanto, apenas a sistematização da prática.

O terceiro entendimento [...] é o de que *a teoria social de Marx não instrumentaliza para a ação* [...] a teoria não está se transformando em prática.

Mesmo passado quatro décadas da intenção de ruptura do Serviço Social brasileiro, e tudo que ela representa na renovação dessa profissão, sob o viés crítico-reflexivo, ainda podemos notar que há muitos equívocos nas interpretações das profissionais acerca da profissão e seus próprios fundamentos, isso sem levarmos em consideração as outras dimensões que influem e determinam essa profissão, já que ela só “existe em condições e relações sociais historicamente determinadas” (IAMAMOTO, 2014, p. 16).

Tais equívocos fortalecem a negação da unidade entre teoria e prática, o que ilusoriamente transparece uma incompatibilidade entre essas duas dimensões, levando a uma parcela da profissão a desprezar uma pela outra, com forte tendência de valorização da “prática” em detrimento da teoria, ou mesmo em detrimento da unidade dialética presente entre ambas. E, nessa negação pode conter tanto elementos do conservadorismo, de correntes teóricas que buscam contemplar a realidade ao invés de trazer à tona possibilidades de sua transformação, mas também bem pode conter elementos de certo conformismo, bem como questões que podem reverberar a própria subjetividade da profissional.

Em nossa pesquisa pudemos identificar o quanto essas concepções ainda estão vivas no caldo cultural dessa profissão, mas para além delas, também conseguimos identificar outra concepção que ganha terreno no campo das compreensões equivocadas sobre as mediações que envolvem a relação teoria e prática no trabalho profissional da assistente social, tendo nesse contexto as:

[...] que não consideram importante as teorias com a justificativa de que nenhuma alcança os objetivos da atuação e da realidade; os que tentam se aproximar do referencial embasado na teoria social crítica, mas reconhecem que é uma atividade complexa e *houve ainda os/as que confundiram teoria com legislação* (SILVA ET AL, 2019, p. 07).

Ao fazer um paralelo com as falas das entrevistas e esse fragmento de um dos artigos-base da nossa pesquisa, é claro que há uma tendência com várias frentes de concepções que buscam explicar a pretensa dicotomia entre teoria e prática. Tendo em vista que para essas concepções não há uma correspondência entre teoria e prática, ainda mais numa profissão que nasce e se desenvolve sob o prisma da intervenção, algumas chegam à conclusão, como algumas falas apontam de que há teorias demais no Serviço Social.

Podemos observar que a compreensão de que a teoria não alcança os objetivos da prática profissional reforça a problemática apontada por Santos (2013) de que se espera uma transmutação imediata da teoria para a prática, ou seja, que a teoria seja capaz de instrumentalizar imediatamente as profissionais para o seu exercício profissional, como se os instrumentos, as técnicas e as respostas profissionais fossem capazes de serem retiradas da teoria, sem que haja qualquer movimento intelectual-prático por parte da profissional, como se esses elementos estivessem dados na superfície teórica.

Nessa profissão que é marcada por um movimento de renovação, que incorpora a teoria social de Marx como forma de análise e intervenção do/no real, conhecida também como teoria de “ruptura”, o que se espera por parte daquelas que desprezam a teoria em detrimento da prática ou vice-versa, é que essa teoria de “ruptura” se converta imediatamente em prática de “ruptura”, contudo, as análises críticas do real nos leva a apreensão de que esse percurso não se dá de forma linear e sem as nuances que compõem a realidade dada.

Se a profissional não for capaz de capturar o campo das mediações que transita da prática para a teoria e da teoria para a prática, o que teremos será sempre um conjunto de intervenções balizadas por uma “prática meramente manipulatória, que intenta uma repetição abstrata na tentativa de padronização dos atendimentos” (SILVA ET AL, 2019, p. 07).

Outro elemento a ser observado é a confusão que se tem feito da relação entre teoria e legislação, a qual recai na identificação dessa por aquela, ou seja, se reforça a lógica de que “na prática a teoria é outra”, enquanto que estão se referindo efetivamente às bases que compõem a legislação, ou mesmo as políticas sociais, com as quais as assistentes sociais trabalham. Ainda que a legislação seja fruto de direcionamentos teórico-políticos daqueles que a elabora, ela não é teoria, ela é legislação, a qual pode se transformar em meios e instrumentos para a intervenção profissional, mesmo diante das controvérsias legais que o país tem passado.

Essa identificação da teoria com a legislação é muito presente no imaginário da profissão. Em vários espaços que vivenciei a docência no Serviço Social sempre esteve presente o questionamento de que a prática está cada vez mais deslocada da teoria, e ao voltar essa reflexão para a turma, a questão da identidade entre teoria e legislação vinha à tona, tendo em vista a apreensão imediata das condições precárias de trabalho: as limitações orçamentárias e humanas para o atendimento da população usuária; questão de infraestrutura; muitas vezes a atuação profissional tende a negligenciar alguns pontos do código de ética; as políticas, programas, projetos e serviços sociais cada vez mais focalizados, distante daquilo que aponta o projeto ético-político profissional; tudo isso, recaindo na negação/retirada dos direitos daqueles que procuram os serviços sociais públicos.

Notem que essa análise das condições precárias do trabalho profissional só é possível a partir de uma leitura da realidade, a qual muitas vezes ainda carregada de mediações que não são capturadas pelas profissionais, o que tende a levar à identificação da teoria com a legislação, reforçando a afirmação de que “na prática a teoria é outra”.

No material selecionado para análise da pesquisa, somente um dos artigos analisados aponta esse direcionamento da identificação entre teoria e legislação, e o quanto isso se constitui em mais um agravante para o aprofundamento da cultura crítica da profissão, tendo em vista que essa identificação “não apenas a teoria se reduz na requisição de ‘modelos’ para intervenção, identificando conhecimento teórico com conhecimento procedimental” (SILVA *ET AL*, 2019, p. 07), mas a própria apreensão das dimensões da profissão se limita a uma única: *como fazer*, desprezando os fundamentos teóricos e ético-políticos que também a compõem, levando em conta que:

Há uma distância entre a produção teórica crítica e a capacidade de interpretá-la, bem como de, através de muitas e múltiplas mediações, construir respostas socioprofissionais e políticas que tenham o mesmo potencial crítico que caracteriza a produção teórica. Essa distância se explica na quase impossibilidade de que a produção crítica venha a incidir na leitura que o profissional realiza sobre as condições e relações de trabalho que se realizam no cotidiano do exercício profissional, fazendo que muitos profissionais desenvolvam um profundo descaso pela teoria e, mais ainda, pelo conhecimento crítico, pautados no argumento de que na realidade “essa teoria não detém possibilidade de se materializar” (GUERRA, 2016, p. 84).

Isso recai na velha questão própria do pensamento conservador, consubstanciada pela tradição positivista e seus derivados: disjunção teoria e prática, mesmo que tal entrave já parecia superado pelo conjunto das sistematizações teóricas que temos nesse limiar, entretanto, tal discurso, muito presente no senso comum e na ciência positivista, em geral, separa a reflexão da execução, esmiúça-se e impregna o imaginário social, e é colocada como explicação mais imediata para os desafios e impasses da realidade institucional.

2. UMA CRÍTICA ÀS CONCEPÇÕES DE QUE “NA PRÁTICA A TEORIA É OUTRA”: A UNIDADE DIALÉTICA NA RELAÇÃO TEORIA/PRÁTICA NO SERVIÇO SOCIAL

É bem possível que algumas profissionais, objetiva e/ou subjetivamente, não consigam compreender suas próprias concepções acerca da relação teoria e prática, quanto mais a unidade dialética presente nessa relação, mesmo que no campo da cultura crítica da profissão é muito explícito que qualquer direcionamento profissional traz em si uma carga teórica-técnica-política, a qual pode fortalecer tanto o caldo cultural crítico, quanto as tendências de um Serviço Social conservador, que caminha para o espraiamento do *ethos* idealista-formal, uma vez que:

[...] a requisição que o profissional faz às teorias é a de que elas orientem, no âmbito imediato, a intervenção profissional, que permitam atender às demandas, que sejam capazes de promover uma perfeita adequação entre meios e fins. Nele, as finalidades da profissão e seus valores são manifestos secundariamente em face dos procedimentos técnico-instrumentais, nos quais reside seu critério de legitimidade social [...]. Tal perfil suporta quanto requisita a incorporação acrítica do positivismo como modo de explicar a realidade e do pragmatismo como programática de ação profissional e técnicas de ajustamento e integração comportamental (GUERRA, 2017, p. 187).

Assim sendo, o substrato profissional que fortalece essa falsa dicotomia tem na afirmação de que a teoria não se aplica na prática, ou que “na prática a teoria é outra”, a resposta última para muitas das questões que chegam ao exercício profissional. Por outro lado, o que se coloca como imperativo para combater tais concepções é a apreensão de fato do lugar do Serviço Social no movimento da história brasileira, seus determinantes, o lugar que o ele ocupa nas relações sociais capitalistas, na divisão social e técnica do trabalho, o que caminha para identificação e incorporação das categorias que sustentam o projeto ético-político hoje.

Nesse sentido, duas questões são importantes para chegarmos nessas reflexões sobre a relação teoria e prática no âmbito da profissão: de que prática e teoria as profissionais entrevistadas estão falando e estão pautando suas possibilidades de intervenção, e qual a concepção de prática e teoria está presente nos fundamentos do Serviço Social? É notório que a concepção de parte significativa da categoria profissional sobre o que é teoria e o que prática, e qual a relação existente entre elas se difere daquela que vem sendo discutida e apreendida no campo da tradição marxista, a qual fundamenta o projeto ético-político do Serviço Social brasileiro, segundo a qual:

[...] teoria e prática mantêm uma relação de unidade na diversidade, formam uma relação intrínseca, sendo o âmbito da primeira o da “possibilidade” e o da segunda o da “efetividade”. Transmutar da possibilidade à efetividade requer mediações objetivas e subjetivas que se relacionam. Os instrumentos e técnicas da intervenção pertencem ao âmbito da efetividade, os quais, a partir das mediações, potencializam as ações (SANTOS, 2013, p. 05).

Diferentemente do que já pudemos identificar em algumas tramas da categoria profissional, pensar a relação teoria e prática presente no atual projeto ético-político do Serviço Social é adensar as mediações que envolvem tal relação, a partir de sua unidade, que nas acepções de Marx (2008, p. 26), é de uma unidade profunda na

diferença, e não de uma identidade, já que “o concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade no diverso”, o que nos leva a afirmar que a teoria não se transpõe de imediato em prática.

Então, partindo das reflexões críticas no âmbito da profissão podemos afirmar que a teoria não modifica de imediato a prática, às vezes nem a possibilidade ela tem, tendo em vista que no lapso entre teoria e prática existe um campo saturado de mediações, que quando se tem uma concepção teórica que visa à transformação da realidade, essas mediações tendem a uma prática profissional que pode possibilitar uma transformação do real.

Por outro lado, quando não se tem tal direcionamento, o que resta é a vinculação a um campo teórico que muitas vezes até chega a compreender a realidade no campo das ideias, o que dificulta a operacionalização de atividades práticas, e essa prática passa a aparecer, muitas vezes, como elemento central do exercício profissional, dita deslocada da teoria, reafirmando o velho jargão de que “na prática a teoria é outra”.

Teoria é a apreensão das determinantes que constituem o concreto; e prática é o processo de constituição desse concreto; teoria é a forma de atingir, pelo pensamento, a totalidade, é a expressão do universal, ao mesmo tempo que culmina no singular e no universal. É pela teoria que se podem desvendar a importância e o significado da prática [...], ou seja, ela é o movimento pela qual o singular atinge o universal e deste volta-se ao singular. A prática é constitutiva e constituinte das determinações do objeto, gera produtos que constituem o mundo real, não se confunde, portanto, com a teoria, mas pode ser o espaço de sua elaboração. Nesse caso, ela só se transforma em teoria se o sujeito refleti-la teoricamente (SANTOS, 2013, p. 27).

Então, sob os fundamentos da teoria crítica de Marx, na prática a teoria só pode ser a mesma, tendo em vista que ela é o espaço onde o pensamento/conhecimento se coloca. E, no campo do Serviço Social, da prática profissional, o que podemos afirmar é que a teoria permite à profissional fazer o movimento de constituição do concreto pensado, a partir da apreensão do objeto de intervenção, em seu movimento e suas contradições, pois o que a teoria pode modificar de imediato é o conhecimento sobre a realidade, e não a realidade em si, pois quem o faz é a assistente social que ao conhecer a realidade, e ao voltar a ela como um todo articulado, tem aí as possibilidades de uma prática profissional transformadora.

Ainda sob os auspícios da teoria de Marx (2008), o qual afirma que a prática humana é mais dinâmica que a teoria, conseqüentemente, essa sempre será aproximativa, ou seja, o conhecimento sobre o real sempre será aproximativo e historicamente determinado. Isso nos leva a depreender que no âmbito profissional, a teoria não é algo que possa ser “encaixada” na prática, que seja uma “receita de bolo” a ser seguida, pois o conhecimento sobre o real é aproximativo e provisório, já que esse está em constante mudança e possui muito mais mediações que o próprio conhecimento é capaz de capturar.

É nesse processo que se compreende o concreto a partir das suas múltiplas determinações, tendo como um dos elementos que levaram essa perspectiva de apreensão do real no Serviço Social, a teoria social crítica de Marx, embora essa teoria de “ruptura” não se configura imediatamente uma prática profissional de “ruptura”, tendo em vista que para isso ocorrer há de se capturar as mediações entre o campo da possibilidade e o da efetividade, e mesmo assim, o campo do concreto é próprio de mediações que se diferenciam do campo teórico, e ao se objetivar uma prática profissional, a objetivação também traz em si um conjunto de nexos causais, que a própria assistente social pode não ter controle sobre eles.

Somente com a apreensão da unidade dialética entre teoria e prática, e como ela reverbera nas dimensões da profissão de Serviço Social não é capaz de garantir um exercício profissional competente e qualificado, no que tange ao projeto ético-político, conquanto, sem essa apreensão se anula qualquer possibilidade de uma intervenção condizendo com esse projeto, situação que pode aumentar:

[...] as tendências de subalternização desses profissionais, reforçar a errônea interpretação da identidade entre teoria e prática, que resulta na assimilação de uma intervenção meramente manipulatória, que não compreende a prática como resultado de uma direção profissional da categoria, que prescinde da formação teórica, política, ética e técnica. [...] e quando não compreende a relação de unidade entre teoria e prática, mas sim uma relação de identidade, atribui aos instrumentos e técnicas uma supervalorização que oculta as necessidades sociais reais e as relações contraditórias que perpassam a intervenção profissional (SILVA ET AL, 2019, p. 10).

Porquanto, refletir sobre essa unidade dialética e como ela se constitui e é constituída nas dimensões da profissão é algo elementar ao processo de apropriação dos fundamentos do Serviço Social para pensar a materialidade desse projeto, apreendendo

-as como unidade e não como identidade, as quais portam mediações próprias em cada dimensão singular, mas que isoladas não dão conta de substanciar as profissionais de darem respostas que tendem transformar a realidade.

Reafirmamos, portanto, que foi fugindo do pragmatismo, do voluntarismo, que o Serviço Social também se transformou numa área de produção do conhecimento, mas a tendência predominante não foi de negar a prática pela teoria, mas sim de apanhar a singularidade da prática para tornar os objetos da intervenção em objetos de conhecimento, e assim ampliar nosso campo propositivo, interventivo, crítico e analítico. Assim, ao não reconhecer,

[...] que a teoria oferece subsídios a finalidade planejada, a análise e estudo do real, das experiências e condições objetivas presentes na atuação profissional e na utilização dos instrumentos [...] ela pode ser substituída pela intervenção reduzida à legislação, aos manuais técnicos a modelos operativos padronizados. A falsa identificação entre teoria-prática, resultou em diversos momentos identificados na pesquisa, como compreensões da profissão restritas às lógicas institucionais, que repercutem sobre o âmbito do chamado planejamento profissional, que mesmo reconhecido como importante, em alguns casos, esse foi limitado ao planejamento institucional e assumido como idêntico ao planejamento do Serviço Social (SILVA ET AL, 2019, p. 10-11).

Situação que também vem corroborando para o fortalecimento do *ethos* idealista-formal na profissão, sendo ele o de profissionais *assumirem as diretrizes governamentais como fundamento da sua prática profissional em detrimento da cultura crítica do Serviço Social*, que também é reflexo das incompreensões apontadas aqui.

3. CONCLUSÕES

As questões apontadas aqui marcam a profissão de tal forma, que os ranços de um passado que não parece tão distante, numa conjuntura marcada pelo avanço do conservadorismo, está mais vivo do que nunca. Hoje, tais tensões se retroalimentam no cotidiano profissional, com fortes tendências de hipervalorizar a prática em detrimento da teoria, do fazer pelo fazer, sem uma apreensão teórica capaz de direcionar possibilidades de transformações reais no concreto do trabalho profissional, o que nos leva a pontuar uma das contradições que se vive no campo da profissão, já que saímos de uma cultura marcada pela contemplação e/ou aceitação do real para uma que

questiona e busca traçar possibilidades para a efetivação de uma prática profissional transformadora.

Assim, diante dos impasses que envolvem o trabalho da assistente social, a profissional está numa posição que visa atender às requisições do mercado de trabalho, contudo, o que se espera de uma profissional crítica/propositiva (como aponta o PEP) é que não venha se limitar a elas, pelo contrário, é necessário expandir suas possibilidades de atuação sobre o real, identificando suas demandas, apropriando-as criticamente, as reconfigurando de forma que seja capaz de enfrentá-las de maneira competente.

Portanto, o caminho que a assistente social deve fazer da teoria à prática profissional requer um conjunto de mediações teóricas, metodológicas, técnicas, éticas e políticas, ou seja, é necessária uma consciência da finalidade daquela ação profissional, bem como dos resultados que se pretende chegar, além dos instrumentos a serem utilizados nesse percurso, caso contrário, o que teremos é um caminho que distancia a finalidade do resultado, supervalorizando um em detrimento do outro, ou até mesmo os meios a serem utilizados, mais uma vez reforçando a ideia errônea de que “na prática a teoria é outra”, um dilema “em que vivem os assistentes sociais, quando não percebem que do reino da possibilidade (teoria) ao reino da efetividade (prática) há mediações que precisam ser conhecidas e trabalhadas” (SANTOS, 2013, p. 50).

REFERÊNCIAS

GONÇALVES, Priscila Ambrozio; OLIVEIRA, Aline Lourenço de. O trabalho profissional do Assistente Social: reinvenção de velhos cenários. In: CBAS, Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. **Anais do XVI Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**, de 30 de outubro a 3 de novembro de 2019, em Brasília (DF). – Brasília (DF): Abepss; CFESS; ENESSO; CRESS - DF, 2019. Disponível em: <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/472/461>. Acesso em 25 de nov. de 2021.

GUERRA, Yolanda. Transformações societárias, Serviço Social e cultura profissional: mediações sócio-históricas e ético-políticas In: MOTA, Ana Elizabete; AMARAL, Ângela (Org.). **Cenários, contradições e pelejas do Serviço Social brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2016.

GUERRA, Yolanda. Racionalidades e Serviço Social: o acervo técnico-instrumental em questão In: SANTOS, Cláudia Mônica; BACKX, Sheila; GUERRA, Yolanda (Orgs.). **A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos**. 3. ed. São Paulo, Cortez: 2017.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 25. ed. São Paulo: Cortez, 2014

LIMA SOBRINHO, Jodeylson Islyon. **O Ethos profissional dos/as Assistentes Sociais: Entre rupturas, continuidades e tensões contemporâneas**. Curitiba: CRV, 2020.

LOPES, Noêmia de Fátima Silva. *Et al.* Trabalho, cotidiano e o Serviço Social: reflexões acerca das dimensões e do trabalho profissional. In: CBAS, Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. **Anais do XVI Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**, de 30 de outubro a 3 de novembro de 2019, em Brasília (DF). – Brasília (DF): Abepss; CFESS; ENESSO; CRESS - DF, 2019. Disponível em: <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/333/331>. Acesso em 25 de nov. de 2021.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política/ Karl Marx**; tradução e introdução de Florestan Fernandes . 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MEDEIROS, Mara Rosange Acosta de; SILVA, Carla Isabel de Oliveira Marinho e. As dimensões integrantes do trabalho profissional da/do assistente social: uma reflexão necessária na sociedade capitalista. In: CBAS, Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. **Anais do XVI Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**, de 30 de outubro a 3 de novembro de 2019, em Brasília (DF). – Brasília (DF): Abepss; CFESS; ENESSO; CRESS - DF, 2019. Disponível em: <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/90/80>. Acesso em 25 de nov. de 2021.

SANTOS, Cláudia Mônica. **Na prática a teoria é outra? Mitos e dilemas na relação entre teoria, prática, instrumentos e técnicas no Serviço Social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8a. ed. Campinas/SP: Autores associados, 2003.

SILVA, Olga Myrla Tabaranã. Formação e trabalho profissional: reflexões a partir do estado do Pará. In: CBAS, Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. **Anais do XVI Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**, de 30 de outubro a 3 de novembro de 2019, em Brasília (DF). – Brasília (DF): Abepss; CFESS; ENESSO; CRESS - DF, 2019. Disponível em: <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/472/461>. Acesso em 25 de nov. de 2021.